

Perfil: Felipe/Goleiro

“Eu não tinha mais ânimo, acabei me entregando em bebidas e festas”

Depois de quase trocar o futebol por uma rotina boêmia e passar por oito clubes em oito anos, o goleiro Felipe chega ao Paraná Clube para tentar voltar a vencer

Por Henrique Juliano

(Pós-graduação em Jornalismo Esportivo/UERJ. Encomendado pela Professora Martha Esteves)

2 de junho de 2022

Pouco mais de um mês após a sua estreia no Paraná, o goleiro Felipe, de 38 anos, está invicto, acumula quatro vitórias seguidas e sofreu apenas um gol. Mas o Tricolor da Vila Capanema, antes um *habitué* da Primeira Divisão, luta pelo duro acesso na Série D. Nascido no Rio, criado em Salvador, e com residência fixa na capital fluminense, o goleiro, que já foi titular dos dois clubes de maior torcida do Brasil, revela que quase encerrou a carreira após sair do Flamengo, seu clube de coração, em meio a uma rotina de festas e muito álcool.

Felipe é filho do militar Jorge Luís dos Santos e de Rita Maria dos Santos que, apesar de ser carioca como o filho, é a Presidenta da ABAM – Associação das Baianas de Acarajé e possui o título de cidadã baiana. Uma



Foto: Instagram pessoal do atleta

líder que ficou marcada por bater de frente com a FIFA, quando a instituição quis vetar a iguaria na Fonte Nova durante a Copa de 2014. O filho mais famoso é católico, mas com forte ligação ao candomblé por influência da mãe.

Ele chegou ao profissional do Vitória em 2002, vindo da base, e assumiu a titularidade em 2005. Na Série B daquele ano disputou 15 partidas, mas em setembro ocorreu o inesperado: rebaixamento para a Série C em pleno Barradão. Ainda no vestiário, o então dirigente do Vitória, Paulo Carneiro, fez ofensas racistas contra o goleiro, tais como "preto", "macaco" e "safado". Felipe relata: “Foi algo muito pesado. Eu tinha apenas 21 anos. Recebi essas ofensas e muita gente viu”.

Diante do ocorrido, o jovem atleta entrou com uma ação na justiça e conseguiu a primeira rescisão de contrato por caso de racismo na história

do futebol brasileiro. O também negro Paulo Carneiro foi demitido do Vitória, onde voltaria como presidente, cargo do qual foi afastado em setembro de 2021. Já o processo na esfera penal foi arquivado, segundo Felipe porque as testemunhas do fato teriam medo de represália, pois o dirigente é figura extremamente influente no futebol baiano. Em 2019, Paulo Carneiro pediu para Felipe gravar um vídeo para a sua candidatura à reeleição no Vitória. Ele gravou.

Defendendo as balizas de milhões

Ainda no ano de 2005, Felipe assinou contrato com o São Caetano. Também passou pela Portuguesa em 2006. Mas foi no Bragantino que provou ser capaz de ir mais longe: destaque no Paulistão de 2007, levando o Massa Bruta às semifinais, foi contratado pelo Corinthians. Mas aquela seria a temporada mais desastrosa da história do Timão, que acabou rebaixado à Série B. No entanto, o camisa um foi destaque: indicado aos prêmios de melhor goleiro, craque da galera e revelação pela CBF, perdeu a Bola de Prata para Rogério Ceni por apenas um centésimo.

No ano seguinte, Felipe seguiu na meta alvinegra e continuou se destacando: foi peça fundamental para o Corinthians chegar à Final da Copa do Brasil e ser campeão, com tranquilidade, da Série B. A chegada de Ronaldo, em 2009, também marcou uma nova temporada de sucesso para o goleiro, campeão paulista e da Copa do Brasil junto ao *Fenômeno*.

Durante a Copa do Mundo de 2010, estava prestes a ser transferido para o Genoa, da Itália. Após um impasse na negociação, o atleta ficou em São Paulo e foi afastado do elenco

corinthiano. No dia 4 de agosto, a programação da TV Bandeirantes colocou Felipe e Andrés Sanches, então Presidente do Corinthians, no ar. Ambos discutiram ao vivo e Felipe se ressentiu: “Se eu pudesse voltar no tempo, mudaria só a questão do Andrés, que marcou muito negativamente a minha história no Corinthians, onde fui um dos goleiros que mais jogou. Foi uma coisa muito pesada, me arrependo da forma que aconteceu”, explica. Sem ambiente, Felipe trocou o Corinthians pelo Braga, onde chegou a jogar a *Champions League*.

Passada apenas meia temporada em Portugal, surgiu a possibilidade que ele esperava desde a infância: jogar no clube do coração, o Flamengo. Recém contratado como treinador rubro-negro, Vanderlei Luxemburgo telefonou para o jogador, que não titubeou em atravessar o Atlântico. Mas Felipe não era o único grande reforço para aquele time: vieram Thiago Neves e Ronaldinho Gaúcho, este de volta ao país após dez anos.

Campeão carioca invicto, o Flamengo teve uma temporada de altos e baixos. Mas um jogo ficou na memória do goleiro: a vitória de 5 a 4 sobre o Santos na Vila Belmiro, com direito a Prêmio Puskás para Neymar e uma defesa de pênalti para ele, que aproveitou para ironizar com “embaixadinhas” a cobrança de Elano: “Foi um jogo em que o futebol brasileiro ganhou. Ele (Elano) foi ‘cavar’? Também não vou me abaixar pra pegar a bola, não”, lembrou Felipe, em meio a risadas.

Em 2012, Luxemburgo deixou o clube após briga com Ronaldinho. Nesta mudança de contexto, que também contaria com a saída do camisa dez, Felipe seguiu no Fla e fez parte do time campeão da Copa do Brasil de 2013 e

campeão carioca de 2014. Foi neste título estadual que uma frase gerou polêmica e um julgamento no TJD. A final contra o Vasco foi decidida com gol irregular nos acréscimos, e em entrevista para o repórter Sandro Gama após o jogo, Felipe teria dito que “Ganhar roubado é mais gostoso”. A situação ainda o incomoda: “*Roubado é mais gostoso* foi uma coisa empurrada pra mim. Eu falo: *ganhar desse jeito é mais gostoso*. Podia ter tomado 120 dias de suspensão. Fui absolvido porque ninguém mostrou (o vídeo com a frase)”, afirma.

Poucas semanas depois dessa final, Luxemburgo voltaria à Gávea. Segundo Felipe, ele atribuía a alguns remanescentes do elenco de 2011-12 falta de solidariedade na sua demissão à época: “O Vanderlei achou que o elenco poderia ter feito alguma coisa naquele momento, ter segurado ele. Mas a gente não tinha muita força pra entrar nessa briga entre dois pesos pesados, Ronaldinho e Vanderlei. Em 2014 ele voltou. Chegou num dia e no outro eu já estava treinando separado. Acabei acatando e alguns meses depois saí”, disse.

Noites, cervejas e o Leste Europeu

É a partir da saída do Flamengo que Felipe passa as piores agruras da carreira. Desanimado, chegou a passar por Figueirense, Bragantino, Boavista e Uberlândia, sem sucesso. Viveu uma vida noturna, assumidamente viciado em cerveja, e com 33 anos já vislumbrava o fim do ciclo como jogador: “Eu não tinha mais ânimo, acabei me entregando em bebidas e festas. Eu bebia pra treinar. Se ia treinar à tarde, bebia quatro cervejas. Quando tive que treinar separado, ficou pior ainda: eu levantava pra beber, tinha que beber pra dormir”.

No entanto, em 2017, Felipe conheceu Débora, a sua esposa atual, e resolveu parar com a cerveja: “A última que bebi foi em 1º de março de 2017. Essa data eu tenho guardada. Quando começou a mudar a minha vida”, diz. Pouco tempo depois, surgiu um convite que traria novamente o prazer de jogar: o Kisvárda, da Hungria. Lá, foi eleito o melhor goleiro da liga. Após duas temporadas, voltaria ao Brasil para defender o Botafogo da Paraíba.

Em ano de eleição presidencial, o cidadão Luiz Felipe Ventura dos Santos não se recusa a falar sobre política e admite que apoiou Jair Bolsonaro em 2018, porém, não votou porque estava na Hungria. Hoje, insatisfeito com a situação do País, garantiu que jamais votaria no atual Presidente: “Se o cara prometeu e não fez nada, não tem porque votarem de novo. Se fez uma coisa errada, a pessoa tem que cobrar. O Centrão só tem ladrão? Ele se aliou ao Centrão”, disse.

Felipe quer ocupar de novo o seu espaço como goleiro. Vislumbra um fim de carreira no Vitória, mas seu foco está no Paraná: “Uma camisa pesada. Se consegue subir, seu nome volta pro cenário nacional”, diz. Ele quer ajudar a reconstruir um clube que amarga rebaixamentos contínuos no Brasileirão e agora também no Estadual. Para um 2022 que começou escapando do rebaixamento na Série A-2 do Paulista com o Taubaté, o Paraná parece sim ser uma oportunidade de retomada. Em contrapartida, Felipe afirma: “Quero parar, não quero ser parado. Quando eu sentir que não tenho mais condições de ajudar, eu pego a minha luvinha e vou pra casa”, conclui.